

ANC

**Haroldo Holanda**

## Constituinte sob ameaça de tumulto

O quadro econômico com o qual hoje se defronta o presidente José Sarney já não difere muito da situação do país no início deste ano, às vésperas do lançamento do Plano Cruzado. As taxas de juros voltaram a registrar valores inconcebíveis e a inflação em escala ascendente tornou-se novamente inquietadora. Tanto assim que se sussurra pelos corredores de Brasília que o governo estaria em vias de lançar um novo plano de estabilidade econômica, tão logo se complete um realinhamento geral nos preços das mercadorias, das tarifas dos serviços públicos e dos salários.

O mais grave de tudo, segundo o reconhecimento dominante, é a perda de confiança popular e do próprio mercado nas autoridades econômicas, que passaram a recorrer a medidas e, porque também não dizer, a expedientes que eram tradicionais na Velha República. Mas o problema por todos mais temido — se o governo não optar por uma imediata reformulação de sua política — é que o agravamento das condições econômicas venha a coincidir — tumultuando e até influido negativamente — com as atividades da Constituinte e na elaboração da nova Constituição.

Teríamos assim uma Constituição elaborada ao sopro das paixões mais desenfreadas, gerando um quadro de forte turbulência, o que faz prever que um documento dessa importância não teria clima nem possibilidades de ter vida longa. Feita essa constatação, conclui-se tornar imperioso e urgente para o governo e o próprio país encontrar soluções duradouras para as questões econômicas que nos assobram nesta fase. O dramático nisso tudo é que políticos como o governador Franco Montoro, numa falta de sensibilidade política que chega a inquietar, revelam-se mais preocupados com a futura sucessão presidencial. Não estão se dando conta da extensão nem da profundidade da crise econômica e dos problemas que mais cedo ou mais tarde ela tende a criar, especialmente no campo social. A greve-geral recentemente decretada pela CUT e a CGT oferecem apenas pálida idéia das conturbações sociais diante das quais pode o governo se ver à frente no ano de 87, prestes a iniciar-se.

Há um fator de ordem política que pode favorecer o presidente Sarney. Infelizmente, desde que foi instituída, a Nova República ainda não passou um ano sem eleições, o que pela primeira vez ocorrerá em 87. Eleições seguidas obrigam o governo, queira ou não queira, a fazer despesas imprevistas, o que redundará em mais inflação, e, o que é pior, o desvio dos seus objetivos fundamentais. Agora, o governo tem o caminho desobstruído para tomar as medidas que considerar essenciais, a fim de se preparar para as eleições municipais de 88, disputa que envolve também o governo das capitais.

O êxito ou o fracasso do governo Sarney está a depender da aplicação de um programa que resulte num mínimo de estabilidade econômica para o país. O ministro Dilson Funaro, que conquistou a confiança e o respeito da Nação quando do lançamento do Plano Cruzado, deixou-se enganar pelo êxito inicial do programa econômico por ele lançado em combinação com um grupo de técnicos que o assessora. As correções de rumos exigidas pelo Plano Cruzado não foram aplicadas a tempo, redundando em desprestígio para o ministro e para o próprio governo.

Há a intenção de fazer com que a Constituinte encerre as suas atividades, promulgando a nova Constituição no dia 7 de setembro, data da Independência. Se isso acontecer assim, melhor será, porque há quem fale que a elaboração constitucional consumiria todo o próximo ano. Torna-se urgente para o próprio país a elaboração do novo texto constitucional, tendo em vista que os investimentos estarão suspensos no Brasil, enquanto não forem definidas pelos nossos constituintes as regras do jogo a imperar na vida econômica nacional.

Por aí se dá para perceber e ver como se cruzam em todas as direções e se interligam os complexos problemas brasileiros da atualidade. A conjuntura está a exigir não só habilidade e competência por parte do presidente Sarney e do seu governo, mas também coragem e determinação para vencer os desafios que se somam à nossa frente. A própria duração do mandato do presidente Sarney se encontra em jogo, em virtude do quadro econômico adverso. Se uma solução que propicie razoável estabilidade econômica não for encontrada, o presidente Sarney corre o risco de ter seu mandato reduzido para quatro anos na Constituinte a ser em breve instalada.

O ministro Dilson Funaro comenta nos jornais que os meses de janeiro e fevereiro prometem ser os mais duros de sua gestão à frente da economia nacional. Mas a impressão recolhida por quem acompanha o jogo aqui de fora é que os responsáveis pela política econômica perderam o poder de iniciativa do comando das ações. Parecem já não saber o que fazem, atirando a esmo, como cego em troteio.

### Lideranças

As criaturas se voltam contra seus criadores. E a impressão inicial que estão transmitindo os governadores eleitos de São Paulo e Minas, Orestes Quércia e Nestor Cardoso, em relação aos atuais governadores Franco Montoro e Hélio Garcia. Os novos governadores daqueles estados demonstram predisposição de se afirmarem como lideranças políticas próprias, não se deixando submeter à influência que os atuais governadores julgavam poder continuar detendo, mesmo depois do término dos seus mandatos.